

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

TURISMO NO ESPAÇO RURAL

Trilha interpretativa da
Agricultura Familiar no
Rio do Engenho

Quintino Reis de Araujo
Célia Hissae Watanabe
Sérgio Luiz Freitas Teixeira
Rita Cristina Tristão Gramacho
Paulo Roberto Demeter
(Organizadores)



Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

T U R I S M O

NO ESPAÇO RURAL

Trilha Interpretativa da Agricultura
Familiar no Rio do Engenho.

Ilhéus - Bahia
MAPA / Ceplac
2017

Todos os direitos reservados. Permitida a reprodução desde que citada a fonte.
A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é do autor.
1ª edição. Ano 2017

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Ministro: Blairo Borges Maggi

Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - Ceplac

Diretor: Juvenal Maynart Cunha

Superintendente de Desenvolvimento da Região Cacaueira no Estado da Bahia - Sueba

Superintendente: Antonio Cesar Costa Zugaib

Centro de Pesquisas, Assistência Técnica e Extensão Rural do Cacau - Cepec

Chefe: Raúl René Valle

Organizadores: Quintino Reis de Araujo, Célia Hissae Watanabe, Sérgio Luiz Freitas Teixeira, Rita Cristina Tristão Gramacho, Paulo Roberto Demeter.

Normalização de referências bibliográficas: Maria Christina de Campos Faria e Kelly Lemos da Silva

Editoração eletrônica e capa: Marília Leniuza Soares Ribeiro

Fotografias e capa: equipe técnica

Revisão: Ronaldo Costa Argôlo

Endereço para correspondência:

Ceplac - Km 22 Rodovia Ilhéus/Itabuna

Caixa Postal 07, CEP 45600-970, Itabuna, Bahia, Brasil

Telefone: (73) 3214-3200

E-mail: quintinoar@gmail.com

www.ceplac.gov.br

769.56

A 633

ARAUJO, Q. R. de. et al. 2017. Turismo no Espaço Rural: Trilha Interpretativa da Agricultura Familiar no Rio de Engenho. Ilhéus, BA: MAPA / Ceplac. 70p.

ISBN: 978-85-7991-107-1

1. Turismo rural - Município de Ilhéus - Rio do Engenho. 2. Mata Atlântica-Bahia. 3. Agricultura Tropical. I. Watanabe, C. H. II. Teixeira, S. L. F. III. Gramacho, R. C. T. IV. Demeter, P. R. V. Título.

DEDICATÓRIA

Aos Agricultores da nossa região e dos diversos Biomas brasileiros que, concomitante com sua atividade fundamental de produzir alimentos e matérias-primas para sua família, para o próximo e para a humanidade, estão despertando os sentidos para o fabuloso potencial que os recursos naturais, das suas terras, representam para o Turismo Rural – como fonte de lazer, bem-estar, renda, saúde e qualidade de vida.

AGRADECIMENTOS

Uma escrita de muitas mãos, inspirada na lida das famílias agricultoras, na labuta dos autores e seus pares, na interação com as múltiplas possibilidades de relacionamento sustentável com os espaços rurais.

Nossos sinceros agradecimentos...

- à AMAREA e seus associados, em especial ao casal de agricultores Vilson e Raimunda, pelo acolhimento e compromisso com o desenvolvimento da comunidade;*
- ao grupo Pé na Estrada pela sintonia na construção de conhecimentos interdisciplinares e cumplicidade nas trilhas e na concepção de interação com os espaços rurais;*
- aos colegas da Ceplac envolvidos, direta ou indiretamente, com a materialização dessa publicação;*
- à COOPAFS pelo compromisso com o fortalecimento da Agricultura Familiar.*

Lista de autores

Nome	Formação Profissional	Área de trabalho	Filiação	e-mail
Célia Hissae Watanabe	Letras	Políticas Públicas para Agricultura Familiar	Ceplac	celia.watanabe@yahoo.com.br
Eduardo César Almeida Lavinsky	Administração	Educação/ Desenvolvimento de Pessoas	Ceplac	ecalavinsky@yahoo.com.br
Mara Rubia Santana Teixeira	Biologia	Educação	Sec. Educação do Estado da Bahia	marahubia@gmail.com
Paulo Roberto Demeter	Agronomia	Educação popular e Desenvolvimento	FASE Bahia	faseba@gmail.com
Quintino Reis de Araujo	Agronomia	Pesquisa e Educação / Conservação de Solo e Água	Ceplac e UESC	quintinoar@gmail.com
Rita Cristina Tristão Gramacho	Economia Doméstica	Extensão Rural	Ceplac	ritatristao@hotmail.com
Rita de Cássia Oliveira Lavinsky	Ciências Econômicas	Pesquisa com Pequenos Animais	Ceplac	ritalavinsky@gmail.com
Rosenilton Klecius Pereira Araújo	Agronomia	Extensão Rural	Ceplac	rklecius@ig.com.br
Sérgio Luiz Freitas Teixeira	Administração	Extensão Rural	Ceplac	efeteixeira@gmail.com
Teresinha Marcis	História	Educação	UESC	tmarcis@uesc.br

APRESENTAÇÃO

A região do Rio do Engenho, no município de Ilhéus, Bahia, reúne experiências diversificadas da agricultura em cenários de beleza natural da Mata Atlântica. São inspiradoras de atividades rurais agrícolas e não agrícolas, retratadas na tradição da localidade e tendo como pano de fundo, a cacauicultura, cujo cultivo coexiste com várias espécies de frutíferas e essências florestais.

Na abordagem da pluriatividade da agricultura familiar, a questão do turismo rural apresenta-se com enorme potencial, sendo capaz de articular e, ao mesmo tempo, dar visibilidade às iniciativas empreendedoras dos membros das famílias, bem como estreitar as relações comunitárias. Atividades de cultivo, criação de pequenos animais, beneficiamento da produção agrícola, artesanato, culinária, entre outras, destacam-se na oferta de atrativos da região do Rio do Engenho.

Empreender atividades de turismo rural nessa localidade representa articular a soma dos atributos da natureza e o trabalho de homens e mulheres, com o resgate histórico da ocupação colonial às margens do Rio Santana, e com o modo de vida e expressão da população da localidade, considerando as heranças de nativos, colonizadores e escravos envolvidos na dinâmica da produção dos engenhos.

Por meio da temática do turismo, o trabalho dos profissionais das áreas afins encontra um profícuo campo de atividades, conferindo maior riqueza ao seu fazer e dando novos sentidos às suas ações de pesquisa, assistência técnica e extensão rural, educação formal, entre outras, resgatando importantes linhas de atuação de instituições vinculadas ao setor rural.

Esta publicação tem o mérito da vivência prática de seus autores e o propósito de apoiar iniciativas que venham a qualificar a recepção de potenciais visitantes pelas famílias agricultoras da Associação de Moradores e Agricultores do Rio do Engenho e Adjacências. Organizada e escrita por uma equipe multidisciplinar, dentre os quais profissionais técnicos da CEPLAC, "**TURISMO NO ESPAÇO RURAL: Trilha interpretativa da Agricultura Familiar no Rio do Engenho**" se materializa contando com a colaboração de alguns desses agricultores.

Acolhe e inspira um turismo interativo com as pessoas, com os recursos naturais, com o propósito de negar a exploração predatória e de ser capaz de oportunizar novos aprendizados na relação entre as partes envolvidas. Resulta de um trabalho de pesquisa e sistematização de informações e imagens que revelam o quanto de interessante e instigante essas trilhas podem oferecer.

Boa Leitura!

Jerônimo Rodrigues

Secretário de Desenvolvimento
Rural (SDR) / Bahia

Wilson Dias

Diretor da Companhia de
Desenvolvimento e Ação Regional
(CAR)

Sergio Murilo Menezes

Coordenador Técnico do Projeto /
CEPLAC

Projeto: Apoio à dinamização das cadeias produtivas da Agricultura Familiar na região cacaueteira da Bahia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
FOREWORD	15
1. RIO DO ENGENHO: UM LUGAR DE INTERESSE HISTÓRICO	19
2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PAISAGEM	27
3. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PRODUTIVA	31
4. FLORA E FAUNA	34
5. OS SOLOS	42
6. CULTURA E TURISMO RURAL	48
7. SEGURANÇA NA TRILHA	54
8. PRIMEIROS SOCORROS	60
9. PALAVRAS FINAIS	67
10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	68

INTRODUÇÃO

O espaço rural caracteriza-se por um dinamismo próprio de vivências das relações interpessoais e com os recursos naturais, onde os lugares de produção e reprodução social se complementam. O meio ambiente, por meio dos seus componentes físicos e bióticos, nas suas interações e como reflexo das ações antrópicas, proporciona às famílias rurais, não apenas a obtenção de alimentos, matérias-primas, energia, moradia, mas a possibilidade de uma convivência (homem-natureza) salutar e de geração de renda. Atividades associadas ao turismo rural se apresentam como forma de integração direta dos vários segmentos sociais com o conhecimento, a visualização, o contato, por meio dos diversos sentidos, com os elementos da natureza.

Turismo rural é uma atividade recreativa procurada por pessoas que moram nos centros urbanos e buscam contato com a natureza. Esse tipo de turismo busca resgatar as origens culturais, a interação com os recursos naturais e a valorização dos saberes locais, da propriedade rural e do seu entorno.

No contexto da agricultura familiar o turismo rural é entendido como a atividade que ocorre na unidade de produção, considerando suas atividades econômicas tradicionais. Os visitantes procuram compartilhar com as famílias agricultoras o jeito de viver no campo, valorizando e respeitando o patrimônio cultural e natural. Apoiam-se na oferta de produtos e serviços de qualidade, proporcionando bem estar àqueles envolvidos.

O Brasil é um país megadiverso, possuidor de um rico patrimônio natural e, nesse contexto, a Mata Atlântica, bioma de convivência dos membros da AMAREA (Associação de Moradores e Agricultores do Rio do Engenho e Adjacências), é um dos *hotspots* mundiais (área crítica para a biodiversidade mundial), de natureza pródiga e valioso conteúdo cultural. As famílias vivem numa região privilegiada por suas belezas naturais. Esta riqueza está presente em muitas das nossas regiões, mas nem sempre são percebidas como potencial para o turismo rural - estratégia para o bom uso e conservação dos recursos disponíveis.

O turismo rural na região em estudo (Rio do Engenho) está relacionado com os acontecimentos e conhecimentos (cultura) do cotidiano da vida no meio rural, rios, riachos, belas paisagens, fauna, flora e as atividades envolvidas na produção agrícola, no beneficiamento de frutas e artesanato, entre outros atrativos. O ponto de destaque desse segmento é a convivência na lida com os animais, as plantas e a terra, fazendo com que o visitante participe das atividades da rotina das pessoas que vivem no campo.

Na ocupação e nas atividades diuturnas das populações da região do Rio do Engenho, as trilhas sempre foram vistas como meio de deslocamento para com as mais diversas funções: transporte, vigilância, condução de suprimentos, caça, etc. De simples meio de movimentação no espaço, as trilhas surgem como nova alternativa de contato com a natureza. O ato de caminhar na natureza traz um novo e saudável sentido e atrai grande número de adeptos.

As trilhas oferecem aos visitantes a oportunidade de vivenciar uma área de maneira tranquila e, assim, alcançar maior "intimidade" com o meio natural. Quando bem planejadas e construídas e, corretamente conservadas, protegem o ambiente do impacto do uso, e ainda asseguram aos visitantes maior conforto, segurança e satisfação.

Esta publicação reúne o esforço de uma equipe multidisciplinar (integrantes do grupo informal "Pé na Estrada", que realiza vivências e trilhas interpretativas) no sentido de estimular

a estruturação da atividade turística e a formação para a qualificação das trilhas do Rio de Engenho e Adjacências, visando:

- Elaboração (construção coletiva) a partir da experiência do grupo, do conhecimento acumulado e saberes locais, de um manual de trilha para o turismo rural (ecológico) na região da AMAREA / Rio do Engenho;

- Subsídio à comunidade local (AMAREA / Rio do Engenho) quanto a informações básicas sobre seu ambiente de vida, para o desenvolvimento de boas práticas de ecoturismo, potenciais alternativas de trabalho e renda para agricultores familiares;

- Sistematização de informações fundamentais para a maior conscientização (valorização, respeito, convivência, conservação) dos visitantes (turistas);

- Orientações ao público dessa modalidade de turismo quanto aos procedimentos de segurança, saúde, interação com a natureza e caracterização da comunidade do Rio de Engenho e Adjacências.

Os Organizadores

FOREWORD

The countryside is characterized by dynamism of experiences by interpersonal relations and natural resources, where the places of production and social reproduction complement each other. The environment, through its physical and biotic components in their interactions and as a result of human actions, provides rural families, not just getting food, raw materials, energy, housing, but the possibility of a healthy living (man – nature) and income generation. Activities associated with rural tourism are presented as a means of direct integration of various social groups with the knowledge, visualization, contact, through various ways, with the elements of nature.

Rural tourism is a recreational activity sought by people living in urban centers and seeks contact with nature. This type of tourism searches to rescue the cultural, interaction with natural resources and the development of local knowledge, of the rural property and its environment.

Brazil is a megadiverse country, possessed of a rich natural heritage and in this context, the Atlantic Rain Forest, living biome of the members of AMAREA (Association of Residents and Famers of Rio do Engenho and Adjacencies), is one of the global hotspots, having lavish nature and valuable cultural content. The families live in a privileged area for its natural beauty. This wealth is present in many of our regions, but is not always perceived as a potential for rural tourism - strategy to good use and conservation of resources.

Rural tourism in the region under study (Rio do Engenho, Ilhéus, Bahia, Brazil) is related to the events and the everyday life of cultural knowledge in rural areas, rivers, streams, beautiful landscapes, fauna, flora and the activities involved in agricultural production, processing of fruits and crafts, local cultures, among other attractions. The highlight of this segment is the

coexistence in handling animals, plants and the earth, allowing the visitor to participate in the activities of the routine of people living in the countryside.

The trails they offer visitors the opportunity to experience an area of quiet way and so achieve greater "intimacy" with the natural environment. When properly designed and constructed, and properly maintained, the trails protect the environment against impact, and also ensure the guests comfort, safety and satisfaction.

This publication brings together the efforts of a multidisciplinary group to stimulate the structuring of tourism and training for the qualification of the trails at Rio de Engenho and adjacencies to:

- Preparation (collective construction), from the group experience, the accumulated knowledge and local knowledge, on a general guide for rural (ecological) tourism in the region of AMAREA / Rio do Engenho;

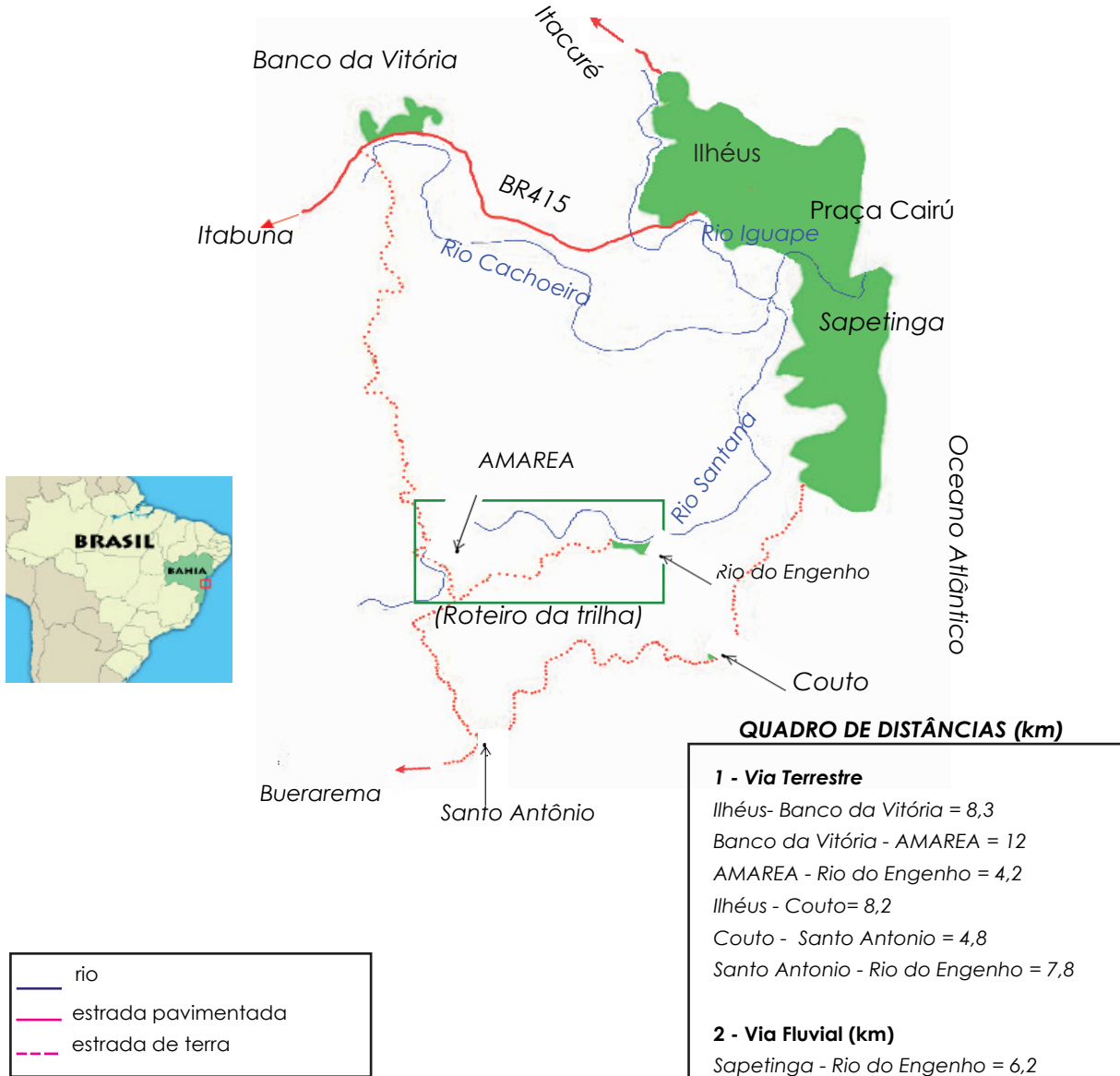
- Technical subsidy to the local community (AMAREA / Rio do Engenho) as the basic information about your living environment for the development of good ecotourism practices, potential alternatives of employment and income for farmers;

- Systematization of fundamental information for greater awareness (appreciation, respect, coexistence, conservation) of visitors (tourists);

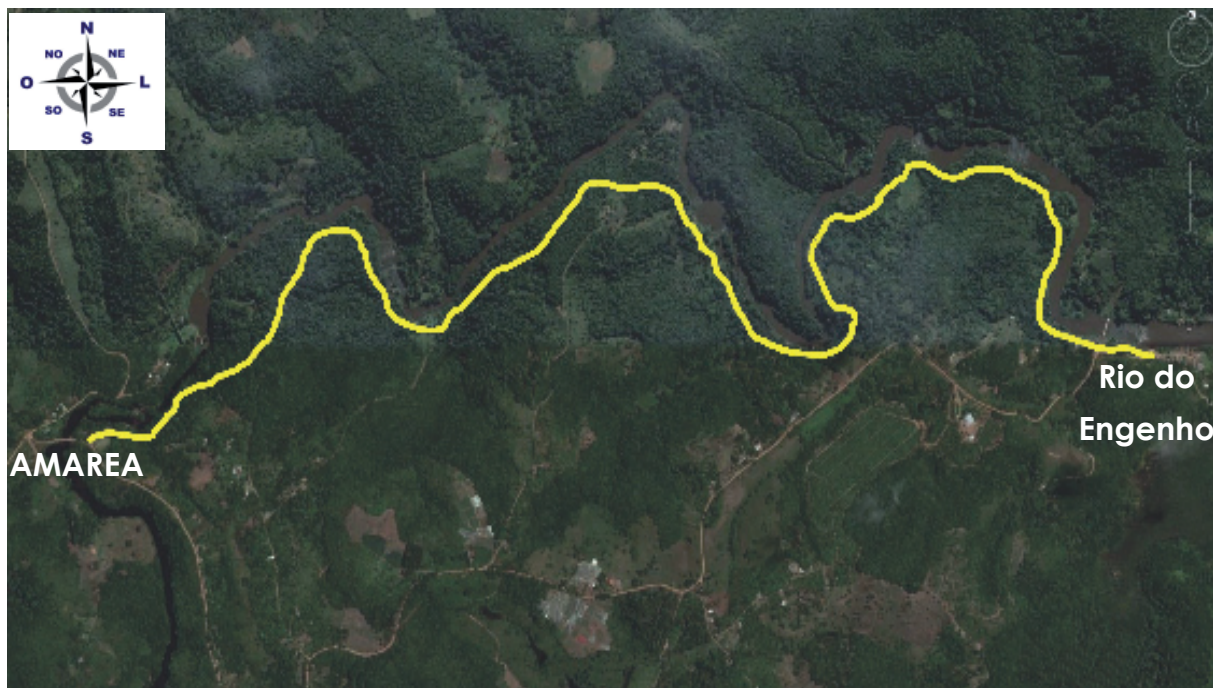
- Guidelines to the public that search for this type of tourism on safety procedures, health, interaction with natural and characterization of Rio de Engenho community and adjacencies.

The Organizers

Mapa da “região” e Roteiro



Roteiro da trilha AMAREA / Rio do Engenho

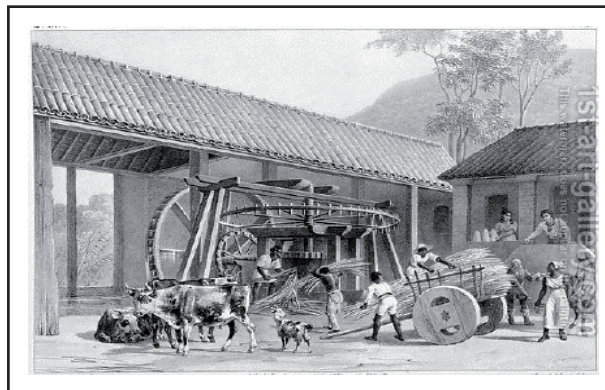


1. RIO DO ENGENHO: UM LUGAR DE INTERESSE HISTÓRICO

Teresinha Marcis
Quintino Reis de Araujo

Bens e valores, materiais e imateriais, compõem elementos do turismo. A tradicional região cacauceira do sul da Bahia, Brasil, é privilegiada pela diversidade desses recursos. Publicação pioneira, sobre este enfoque, na região (Guia Turístico do Cacau, 1964), aborda características referentes à: principais cidades, belezas naturais, agropecuária, instalação da Ceplac, aspectos culturais, produtos regionais, riquezas minerais, mapeamentos, estradas, transportes, hotelaria, imprensa, valor nutritivo do cacau, educação, dentre outras.

Rio do Engenho, um povoado de Ilhéus, mantém marcas da ocupação humana secular e fazem conhecer as experiências do cotidiano, do trabalho, das lutas e religiosidade dos indígenas, portugueses, africanos e luso-brasileiros do passado. Neste pequeno trabalho, apresentamos algumas dessas marcas exemplares e significativas, construídas após a ocupação colonial portuguesa dessas terras em 1537 e que podem ser visualizadas nas edificações preservadas ou em ruínas e nos documentos escritos. As fontes revelam as lutas dos trabalhadores escravizados do engenho e dos senhores proprietários que contribuem para conhecer e compreender a história dos escravos e do regime escravista.



Representação de engenho hidráulico, com o moinho e o trabalho dos escravos (Engenho de Açúcar, de Johan Moritz Rugendas, 1835)

Rio Santana, ruína do canal de desvio das águas para movimentar a roda d'água - força motriz do moinho (Foto: Marcis, 2013)



A ocupação colonial do Brasil, iniciou-se com a divisão e concessão de capitanias e de sesmarias a fidalgos importantes da corte. Jorge de Figueiredo Correia, o Capitão Donatário da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, em carta datada de junho de 1547, oficializava a doação de sesmaria e contrato de aforamento das águas ao fidalgo português Mem de Sá. O documento garantia a posse aos ditos, seus herdeiros e sucessores desde que fossem construídos engenhos e se pagasse um foro anual. A sesmaria medía o equivalente a uma légua de terra de comprimento (6.600 m) e outra de largura, foi demarcada na beira do Rio Santana. Sem nunca ter visitado a área, Mem de Sá mandou construir o engenho que sempre foi conduzido por administradores.

Os senhores do engenho: 1547-1896

1547-1572: Mem de Sá.

1572-1618: Filipa de Sá e o marido conde de Linhares. A condessa deixou em testamento os bens do Brasil e de Portugal para o Colégio Jesuíta de Santo Antão de Lisboa.

1622-1655: Disputa judicial pelo espólio entre os dois colégios da Companhia de Jesus.

1655-1749: Administração dos jesuítas, até a expulsão e confisco dos bens pela Coroa Portuguesa.

1763-1810: Manuel da Silva Ferreira.

1810-1834: Brigadeiro Felisberto Caldeira Brant, Marquês de Barbacena.

1834-1896: Sá Bittencourt e Câmara, último proprietário da Sesmaria que foi dividida entre seus herdeiros.

O engenho: os bens imóveis, móveis e semoventes

Um engenho colonial representava uma povoação uma vez que a produção do açúcar exigia terras, energia, tecnologia, edificações e mão de obra para o trabalho nos canaviais, na fabricação do açúcar e nos demais serviços.

No inventário de Mem de Sá registrava-se entre os bens: uma casa de engenho com todos os seus apetrechos, quatro barcos, quatro carros, artilharia, armas leves e munições, um baluarte, 41 tarefas de canaviais e uma igreja. A mão de obra, 132 escravos - sendo sete negros de Guiné e 125 índios, chamados "negros da terra".

Na escritura passada por Felisberto Caldeira Brant, foram listados entre os bens: as terras, prédios, embarcações e duzentos e quatro escravos. Benfeitorias do engenho: moendas horizontais e roda d'água, casas de caldeira, casa de esmagar com tanque de madeira para mel, uma casa de estolas com alambique novo de destilação contínua, tabuleiros de ferro para estufa, engenho de serrar madeira, olaria, barco de transportar cana e embarcação coberta para levar caixas até Salvador.

No inventário de Sá Bittencourt e Câmara, último proprietário da sesmaria, foram arrolados 66 escravos junto com os utensílios, construções e demais instrumentos utilizados para a produção de açúcar e aguardente. Com a sua morte, a antiga sesmaria foi dividida entre os seus herdeiros.

Os escravos do engenho: história de resistências

A resistência e luta por melhores condições de vida e trabalho representam um importante símbolo da história do Engenho de Santana. Três dessas revoltas coletivas foram registradas por autoridades envolvidas. A primeira ocorreu entre 1558 e 1618. Índios aldeados nas proximidades do engenho atuando como soldados contra ataques de outros índios, empreenderam uma fuga para as matas. Passaram pelo engenho para libertar os parentes e outros escravos.

Em 1789, o senhor do engenho era Manuel Ferreira da Silva e os escravos fizeram um levante, paralisando as atividades do engenho por dois anos. O ouvidor de Ilhéus relatou que dos 300 escravos, mais de 50 haviam se unido, formado um mocambo, dizendo-se livres e não querendo de forma alguma reduzir-se ao cativeiro. A rebelião foi debelada por uma artimanha do senhor e das autoridades que negociaram um Tratado de Paz com as lideranças. Os escravos listaram 20 condições para retornarem ao trabalho. Dessas, onze eram relativas ao trabalho na produção comercial do açúcar, farinha e corte de madeira. Reivindicavam, por exemplo, a redução das tarefas e da jornada, e aumento do número de trabalhadores. Duas cláusulas eram relativas ao trabalho extra de mariscar e fazer gamboas, exigidas pelos administradores. Sete eram relativas a melhorias das condições de vida no cativeiro, como a permissão para fazer suas roças, vender a produção, descanso semanal, poder cantar e dançar sem pedir licença.

As autoridades e o senhor fingiram aceitar, mas logo prenderam os líderes que foram vendidos fora da região e o principal foi preso. Acusações: incitamento à desobediência

contra o senhor; execução do mestre de açúcar; posse das ferramentas; fuga para o mato; recusa de obediência e prestação de serviços; ameaça de morte ao senhor; paralisação do engenho por quase dois anos por meio do esquema “fogo morto”; causar prejuízo e decadência, estragos, e o perigoso exemplo que representava para os escravos em geral.

Outras revoltas ocorreram duas décadas depois, quando o senhor era Caldeira Brant, o Marques de Barbacena. Os escravos se sublevaram e ocuparam o engenho por três anos – 1821-1824. No último ano, muitos fugiram e formaram quilombos. Um relatório da expedição de repressão registra que durou 12 dias e destruiu três focos de quilombos, prendeu apenas dois homens, duas mulheres e duas crianças escravas. Porém, a extensão dos mocambos pode ser calculada pela produção que os milicianos se apropriaram ou destruíram. Encontraram um primeiro povoado com doze ranchos e muita plantação, sendo mais de 60 mil covas de mandioca, mais de mil pés de café, 60 mil de algodão e muitas árvores de espinhos, além de dois teares de pano de algodão, muita farinha pronta, sal, peixes e ferragens. Andaram mais meia légua, encontraram outra rancharia com muitas plantações, muito sal e pólvora, duas rodas de pilar mandioca e dois “alguedares” de cozer farinha. No caminho ainda encontraram outros ranchos formados por escravos fugidos.

Os indígenas foram escravizados em todo o Brasil e no engenho de Santana registrados como “negros da terra” no testamento de Mem de Sá. Foram os “braços” para todos os serviços e mesmo depois da Coroa Portuguesa proibir o cativo, foram mantidos nos aldeamentos administrados pelos proprietários e religiosos. Essa era a estratégia utilizada para segurança das propriedades e para a criação de relações de dominação e dependência, visando coibir as constantes resistências através de fugas, rebeliões e ataques e as alianças com escravos.

A Capela de Nossa Senhora Sant'Ana, a terceira mais antiga na zona rural do Brasil, foi formalizada como Bem Cultural Tombado, pelo Processo n. 005/1981, conforme Notificação / Decreto 30.483/10.05.1984, de acordo com a Lista dos Bens Culturais Tombados ou Registrados pelo Estado na Bahia (IPAC).

Hoje tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, esta edificação histórica era parte do complexo do engenho. Sua localização na margem do rio alimenta lendas, significados e devoções diversas e mantém viva a religiosidade do passado afro-brasileiro e cristão. Conta a lenda que houve tentativas para transferir a igreja para um local alto, sem os prejuízos decorrentes das enchentes, mas que a imagem da Santa aparecia nas pedras do leito do rio.

Igreja de Nossa Senhora Sant'Ana e caldeirão de engenho do Rio do Engenho
(Foto: Quintino Araujo, 2016).



Aspectos históricos atuais na visão de moradores

Fatos históricos mais recentes são anotados por representantes da AMAREA (Associação fundada em 11/01/1998) que, de forma resumida, registram alguns aspectos importantes para as condições de vida dos agricultores moradores nas propriedades rurais, assim como outros cidadãos que vivem no povoado de Rio do Engenho e adjacências:

- a barragem construída no Rio do Engenho, na proximidade do povoado e a falta de corredeiras, têm causado sérios problemas na dinâmica da população de peixes, por afetar profundamente a piracema e, com isto, a normalidade da reprodução e da migração natural de diversas espécies, que têm diminuído sensivelmente nos trechos do rio utilizados pelas comunidades locais;

- nas últimas décadas tem havido uma diversificação agrícola, como reflexo de novos agricultores, novas técnicas, facilidade nos processos de comunicação social, busca de novas opções agrícolas com a crise na cacauicultura, e isto tem importantes efeitos sobre as atividades e os planos da família rural, no uso da terra, nas ofertas ao mercado, na dieta alimentar e culinária local, e nas relações com o meio ambiente;

- as mudanças nos meios de transporte têm proporcionado maiores conexões socioeconômicas para as populações da região, por exemplo, com base na maior malha de estradas, incluindo acesso a zonas mais interioranas, e a possibilidade de transportes por meio fluvial, entre o povoado do Rio do Engenho e Ilhéus, e em trechos mais curtos acima do povoado; registra-se que, por outro lado, foi suspenso o ônibus das 22 horas que atendia aos estudantes de séries mais elevadas que, em períodos recentes, têm ficado na cidade;

- serviços essenciais colocados à disposição dos moradores, como energia elétrica, posto de saúde, e colégio têm proporcionado condições básicas de atendimento e realização de atividades locais, como alternativa à necessidade de se deslocar até a sede municipal;

- um fato da ocupação histórica tem importante ligação com futuros programas agrícolas, ao se recordar que no passado houve intenso corte de madeira, transportado inicialmente via fluvial, para abastecer os consumidores, para dormentes de estradas de ferro, construções e exportações; discute-se a obrigatoriedade de se definirem planos de recomposição de áreas de florestas, registradas e cultivadas, para atender demandas prementes de necessidades humanas, estabelecimentos de sistemas agrícolas, obediência às normas de legislação do Código Florestal brasileiro (Lei nº 12.651 – 25/05/2012).

2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PAISAGEM

Paulo Roberto Demeter
Sérgio Luiz Freitas Teixeira

O ecoturismo tem como foco o princípio de viabilizar o equilíbrio entre a utilização e a conservação das áreas naturais visitadas, auxiliando no desenvolvimento socioeconômico local. O sucesso de um projeto ecoturístico depende de sua eficiência para conciliar a satisfação do visitante e a conservação das áreas visitadas, com geração de benefícios para a população local. Para tanto, o ecoturismo precisa influenciar atitudes e comportamentos, não podendo prescindir de atividades educativas.

Educação Ambiental, conforme definição da UNESCO (1987), "é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros".



Isso significa que os objetivos da educação ambiental estão diretamente relacionados com mudanças de valores e de atitudes, as quais necessariamente devem passar por reflexões a respeito da visão do ser humano sobre si mesmo, sobre seu ambiente e as relações entre o ambiente humano construído e o ambiente natural.

Interpretação Ambiental é uma tradução da linguagem da natureza para a linguagem comum dos visitantes, fazendo com que os ecoturistas sejam informados em vez de distraídos, e educados, além de divertidos .

É de fundamental importância conhecer o ambiente para melhor aproveitar (compartilhar) o que será oferecido ao turista. Os elementos naturais que compõem a paisagem podem torna-la:

a - Uma paisagem homogênea, composta por poucos elementos, por sua monotonia pode entediar o turista.

b - Uma paisagem heterogênea, composta por grande diversidade de elementos, pode prender a atenção do observador, embora sejam de difícil interpretação e memorização.

Independente da sua composição, a paisagem deve ser conhecida nos seus elementos gerais ou específicos.

Para conhecer os elementos que diferenciam a paisagem é necessário responder:

- Quais as partes do ambiente em que a paisagem encontra sua melhor expressão?
- Quais os melhores momentos do dia e do ano para visualizá-la?
- Que particularidade apresenta cada lugar, e qual o melhor campo visual para cada um deles?

Para definir o melhor modo de desfrutar a paisagem é necessário responder:

- Quais os trechos do percurso em que se devem diminuir a marcha?
- Quais são os pontos de visão atenta?
- Quais as superfícies de penetração e as paisagens de visão externa?
- Quais as sequencias dos traçados das trilhas?

Componente sensoriais da paisagem

<u>Categoria</u>	<u>Exemplo</u>
Formas	Das plantas, dos lagos, dos rios, dos bosques, dos animais, das nuvens, etc.
Cheiros	Das flores, das plantas, das lavouras, dos animais, da terra, etc.
Cores	Das flores, dos cultivos, dos animais, das nuvens, do solo, das rochas, etc.
Luzes	Os brilhos, os reflexos, as transparências, as sombras, etc.
Textura	Do solo, da água, dos troncos, das folhas, etc.
Sons	Da água, dos ventos, dos insetos, dos animais, das folhas, etc.
Temperatura	Do sol, do ar, da água, do solo, à sombra, etc.
Atmosfera	Neblina, amanhecer, entardecer, umidade, por do sol, etc.

O que você pode fazer para ajudar o Meio Ambiente

Dicas ecológicas para você desfrutar da Natureza conservando o Meio Ambiente:

Na natureza nada se tira além de fotos.

Na natureza nada se se deixa além de pegadas.

Na natureza nada se mata além do tempo.

Não jogar lixo nas trilhas.

Não quebrar plantas ou flores.

Não atirar objetos dentro d'agua.

Evitar vela e cigarro dentro das barracas.

Dormir cedo na noite anterior à caminhada.

Colocar seus pertences em sacos plásticos.

Fazer suas necessidades fisiológicas longe das trilhas e dos cursos d'agua.

Escovar os dentes a 3 metros dos cursos d'agua.

Não usar shampoo e bronzeador nas cachoeiras.

Usar tênis ou botas de Trekking.

Levar muita disposição e muito bom humor, além de espírito de grupo e companheirismo.

Jogue lixo nos latões, evitando assim sujar áreas visitadas.

Ao sair traga sempre de volta o lixo que você produziu ou encontrou pelas trilhas.

Só acampe em áreas permitidas.

Ao tomar banho em rios e córregos certifique-se de que não está chovendo nas cabeceiras.

(Enchentes podem ser fatais).

Sempre caminhar acompanhado.

3. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E PRODUTIVA

Célia Hissae Watanabe
Eduardo César Almeida Lavinsky
Rosenilton Klecius Pereira Araujo

A vida em comunidade é uma importante dimensão para homens e mulheres rurais, seja na relação com suas famílias, vizinhança, compadrio e amizades, e também nas vivências do trabalho produtivo e nas atividades sociais, culturais, religiosas, políticas, dentre outras. No âmbito da agricultura familiar, produção agrícola e reprodução social acontecem no mesmo espaço, diferentemente dos centros urbanos, onde há uma distinção entre onde se trabalha e onde se vive. Entretanto, o simples fato das pessoas residirem próximas umas das outras, em uma localidade determinada, não garante a configuração de uma comunidade.

Para Bauman (2003), comunidade é um lugar confortável, seguro e acolhedor. As pessoas buscam conviver com seus semelhantes de modo a pertencer de uma forma mais duradoura. Nas comunidades rurais as pessoas reafirmam fortemente os seus laços, compartilham as suas trajetórias de vida, dificuldades, anseios e sonhos comuns. São sentimentos favoráveis à organização, como meio de fortalecer o coletivo, assegurar seus interesses produtivos, socioeconômicos, culturais, de infraestrutura, entre outros, bem como superar a cultura do individualismo e da competição, dando lugar às relações pautadas na solidariedade e na cooperação. Sair da caracterização de localidade para configurar uma comunidade é um desafio indissociável do fortalecimento da agricultura familiar enquanto setor econômico, formado por sujeitos de direitos e atores políticos.

Vários aspectos podem ser considerados na organização das comunidades rurais, a saber: ambientais, geográficos, socioculturais, econômicos, infraestruturais, agrícolas, agroindustriais, serviços, entre outros. Soma-se a relação de convivência na percepção de conflitos e potencialidades comuns, facilitando a reafirmação da identidade do grupo.

Participar de associações ou cooperativas contribui com o reconhecimento e priorização das demandas comunitárias e com a organização da produção. É um passo para o planejamento de ações que permitem avanços e fortalecimento do grupo, pois possibilitam compartilhar, socializar e vivenciar sonhos comuns, superar as precariedades e insuficiências existentes no meio rural, bem como assegurar o acesso às políticas públicas e programas para agricultura familiar.

Na região do Rio de Engenho, Ilhéus (BA), são várias as iniciativas organizativas de agricultores familiares, moradores e pequenos produtores, quilombolas, entre outros, como é o caso da Associação de Moradores e Agricultores de Rio de Engenho e Adjacências (AMAREA). Criada em 11/01/1998, a AMAREA articula um conjunto de agricultores e moradores interessados na promoção do desenvolvimento comunitário, com o propósito de fortalecer as ações voltadas para a organização social e produtiva, infraestrutura local, acesso aos serviços de atenção básica e políticas públicas disponíveis para a população.

Com funcionamento regular e 48 sócios quites, a Associação tem pautado as demandas comuns, a implementação de projetos de geração de trabalho e renda e acesso às políticas públicas para agricultura familiar, como é o caso do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Cultivam cacau, seringueira, hortaliças, aipim, açai, pupunha, e várias frutíferas como cupuaçu, coco, mamão, abacaxi, banana, jenipapo, cajá, goiaba, graviola, jaca, além de criação de pequenos animais.

A produção caseira, por parte de alguns agricultores associados, de doces, licores, compotas e geleias tem se destacado em experiências de comercialização direta com grupos de consumidores. É o caso do bastão de cacau e doce de cacau com cupuaçu, produzido por um agricultor associado e comercializado diretamente para o Slow Food e Rede Ecológica, organizações de consumidores do estado do Rio de Janeiro.

Com recursos próprios, agricultores familiares da AMAREA iniciaram a construção de uma pequena fábrica de doces e polpas de frutas em área coletiva. O projeto para conclusão

da construção e aquisição de máquinas e equipamentos foi elaborado com apoio técnico da Ceplac e da UESC e deverá ser financiado pelo Governo do Estado da Bahia. A fábrica beneficiará os produtos locais e ampliará as possibilidades de geração de renda das famílias.

Têm crescido as discussões sobre o aproveitamento do potencial turístico da região e entorno. Cenário de belezas naturais, a localidade favorece a realização de passeios e trilhas pelo roçado e pelas margens do Rio Santana, cavalgadas, passeios de barco, visita às propriedades locais para acompanhar atividades produtivas, conhecer os processos artesanais de agroindustrialização (doces, geleias, polpa de frutas, cacau e chocolate, bebidas), entre outras possibilidades. Além disso, é possível conhecer a Vila do Rio de Engenho, e participar de festividades tradicionais locais.

A porta de entrada dos novos empreendimentos é a realização de reuniões e cursos para formação de agricultores e agricultoras interessadas nessas novas atividades para organizar os espaços, aperfeiçoar as condições de acesso com sinalização, cuidados com a água, o ambiente e destinação do lixo, ofertar hospedagem e alimentação, ressaltar os valores locais de história, biodiversidade, gastronomia, cultura e artes, considerando o contexto rural da agricultura familiar, e ressaltando a importância da agricultura e do meio ambiente para a qualidade de vida da sociedade.

São elementos importantes para se compreender a configuração do rural brasileiro que negue a visão meramente produtivista, mas que valorize um campo de viver, que traga a abordagem territorial de vida social, suas dinâmicas e as múltiplas possibilidades de trabalho, de renda e de interação com a natureza.

4. FLORA E FAUNA

Mara Rúbia Santana Teixeira
Sérgio Luiz Freitas Teixeira

Mata Atlântica

Chamada pelos tupis de *caá-etê*, a Mata Atlântica foi reduzida a 7,26% da área original e, mesmo assim, é fonte de água para cerca de 77% dos brasileiros (aproximadamente 120 milhões de pessoas) distribuídos por 3.406 municípios. Reconhecidamente, além da água, a contenção de encostas, a regulação do clima e a qualidade/fertilidade do solo se devem a esses preciosos 95.596 km² de Mata Atlântica restantes no Brasil.



A Mata Atlântica do Sul da Bahia

As florestas tropicais constituem a mais rica reserva de diversidade biológica do mundo e, no entanto, vem sendo destruída.

A Mata Atlântica brasileira talvez seja o exemplo mais drástico. Hoje restam menos de 8% da cobertura original. A região sul da Bahia, na faixa compreendida entre os rios Jequitinhonha e Contas, conserva a parcela mais significativa deste bioma no Nordeste do Brasil. Aqui existem espécies da fauna e da flora únicos (endemismo).

As florestas desta região são caracterizadas por árvores altas, com folhas sempre-verdes e abundância de epífitas (plantas que crescem nas outras). Dentre as espécies de árvores mais características e raras, podem ser citadas: o Jacarandá-da-bahia (*Dalbergia nigra*), o Pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) e o Jequitibá-rosa (*Cariniana legalis*). Estudo recente realizado por especialistas do Centro de Pesquisas do Cacau e do Jardim Botânico de Nova York encontrou aqui um recorde mundial na diversidade de espécies arbóreas, 456 espécies em apenas um hectare (Parque Estadual da Serra do Conduru – PESC, Uruçuca-BA).

Recentemente um novo gênero de aves, o Acrobata (*Acrobartonis fonsecae*) foi descoberto aqui. O mico-leão-de-cara-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*) e o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus apella xanthosternus*) são espécies símbolos desta região. Estes animais silvestres não são encontrados em nenhum outro lugar do mundo.

A cobertura vegetal, pela sua exuberância florestal com diversos extratos fisionômicos e biodiversidade, atua como repositório de matéria orgânica para o solo e como carreadora de nutrientes das camadas inferiores para as superiores, sendo importante na formação dos solos, através das ações mecânicas e químicas exercidas pelas raízes. Também desempenha papel fundamental como controladora da erosão.

Atualmente, a Mata Atlântica foi quase inteiramente transformada em pequenos fragmentos, devido ao corte seletivo de madeira, caça de animais silvestres e outros impactos causados pela ação humana.

A Mata Atlântica é considerada um dos mais importantes "hotspots" mundiais, ou seja, uma das áreas mais críticas e importantes para a conservação da biodiversidade no mundo. Essa consideração deve-se à sua grande riqueza e à gravidade das ameaças que pairam sobre o seu futuro e o dos seres vivos que nela habitam.

Estudos mostram que na Mata Atlântica existem centros diferenciados de endemismo, ou seja, espécies que só ocorrem em algumas porções da floresta, diferenciando-as das demais. Verifica-se, então, que a Mata Atlântica é na realidade um mosaico de muitas florestas, o que explica em parte sua biodiversidade.

A região conhecida como Rio de Engenho e Maria Jape, no Sul da Bahia, é muito rica em sua biodiversidade. Assim, a conservação das espécies arbóreas nativas está também relacionada à resolução de problemas sociais e econômicos, os quais levam a população humana a pressionar e destruir os recursos naturais. É preciso encontrar meios de promover o desenvolvimento sustentável das populações rurais para que elas parem de pressionar os remanescentes florestais da região.

A região é muito rica em espécies vegetais, destacando-se a profusão de orquídeas e bromeliáceas, além de outras espécies também de grande importância botânica, ecológica e econômica, como nos exemplos abaixo, relacionando espécies vegetais da região e algumas curiosidades.

Amescla-mirim	<i>Heptaphyllum</i> (Aubl.) March	
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	
Angico-branco	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg	
Angico-vermelho	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth) Brenan	
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	
Biriba	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers.	
Cajá (*)	<i>Spondias</i> spp.	
Cambará	<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabrera	
Cobi-amarelo	<i>Senna multijuga</i> (L.C. Rich.) Irwin &	<i>Barneby</i> var.
<i>verrucosa</i>		
Conduru-vermelho	<i>Brosimum rubescens</i> Taub.	
Copaiba,		
Pau-óleo-copaiba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	
Flor-de-caipora	<i>Ruellia affinis</i> (Schrad.) Lindau	

Flor de cor vermelha intensa e, nos costumes populares rurais é a flor da guardiã da mata – a Caipora. Esta flor, ainda segundo a crença popular, não deve ser tocada em hipótese alguma, sob pena de se perder o rumo dentro da mata e aí, tendo o “transgressor” que dar de presente para a caipora um dente de alho ou um pedaço de fumo de rolo, para reencontrar o caminho.



Fruto-de-cotia, Fruto-de-paca	<i>Carpotroche brasiliensis</i> (Raddi)Endl.
----------------------------------	--

Este fruto era utilizado pelos índios ao banhar-se com objetivo de proteger a pele, numa espécie de repelente natural. O óleo extraído da *C. brasiliensis* tem função inseticida, parasiticida, é eficaz no combate à caspa, piolhos e nas manifestações herpéticas (Correia, 1984).



Gindiba	<i>Sloanea obtusifolia</i> (Moric.) K.Schum.
Ingá-mirim	<i>Inga marginata</i> Willd.
Jaqueira (*)	<i>Artocarpus heterophyllus</i>
Jenipapo (*)	<i>Genipa americana</i> , L.
Jequitibá-rosa	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze
Juerana-verdadeira,	
Juerana-vermelha	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth.
Jussara	<i>Euterpe edulis</i> Mart.
Louro-amarelo	<i>Licaria</i> sp.
Mogno-brasileiro (*)	<i>Swietenia macrophylla</i>
Mundururu	<i>Miconia calvescens</i> DC.
Pau-brasil	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.
Pau-d´alho	<i>Gallesia scorododendron</i> Casar.
Pau-d´arco-amarelo	<i>Tabebuia serratifolia</i> (Vahl) Nicholson
Pau-de-jangada	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.

Pau-paraíba *Simarouba amara* Aubl.

Árvore também muito conhecida por abrigar a “lagarta de pau-paraíba” ou cobra-cega voadora ou ainda *Jequitiranabóia* “*Fulgora laternaria*”.



Pau-sangue	<i>Pterocarpus rhorii</i> Vahl.
Pequi-preto	<i>Caryocar edule</i> Casar
Piaçava	<i>Attalea funifera</i> Mart.
Pinha (*)	<i>Annona squamosa</i> L.
Putumuju	<i>Centrolobium robustum</i> (Vell.) Mart.
Sapucaia	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.
Seringueira (*)	<i>Hevea brasiliensis</i>
Sete-capotes	<i>Campomanesia guazumifolia</i> (Camb.) O. Berg
Tucum, Mané-velho	<i>Bactris setosa</i> Mart.

(*) Não nativa

Os mangues

A região costeira da Bahia, com aproximadamente 1.100 km de extensão distribuídos em 39 municípios abriga importantes estuários ao longo de 40 bacias hidrográficas. Estima-se quase 100.000 hectares de manguezais e uma população humana diretamente envolvida com esse ecossistema em torno de 95.000 habitantes, abrangendo ambientes, regiões de grande diversidade cultural e produtividade de bens e serviços bastante significativos.

Partes da região de Maria Jape e Rio de Engenho são propícias para o desenvolvimento de manguezais, com solos lodosos nas desembocaduras dos rios e ilhotas protegidas, onde a vegetação não sofre a influência direta do mar. Ali o manguezal desenvolve-se sobre um solo salobro exposto na maré baixa, cujo teor salino sofre variações consideráveis. Outra característica ecológica do manguezal é a pobreza em oxigênio. O manguezal é, portanto, uma formação vegetal consequente principalmente de fatores edáficos para a qual as condições climáticas, especialmente chuvas, são de pequena importância. Sabe-se que, mesmo nas zonas costeiras de regiões em condições de deserto, crescem manguezais, como, por exemplo, no Equador, ao norte do Peru e na África, na costa do Mar Vermelho.

São ambientes fundamentais por se constituírem, dentre outras funções, em berçário de grande número de espécies.

Fauna

É bastante expressiva a presença de pássaros das mais diversas espécies, insetos, peixes e crustáceos, dentre outros representantes da rica fauna da região. Existem evidências (segundo relatos) da presença da onça suçuarana e já houve contato visual de porcos-domato, ouriços-cacheiros, sariguês, veados, pacas, tatus, capivara, dentre outros. Da mesma forma, a presença de muitos ofídios das espécies: *Bothrops* a exemplo da jararaca-do-brejo, malha-de-sapo, ouricana, etc; Jiboia (*Boa constrictor*); representantes do gênero *Xenodon* (Boipeva e outras); gênero *Lachesis* (Surucucu-chumbo e pico-de-jaca e gênero *Epicrates cenchria* (Salamantas).

Considerações Gerais

Pesquisadores brasileiros demonstraram, através de fotos obtidas de satélites, que na Mata Atlântica vivem 15% de todas as formas de vida animal e vegetal do planeta. Num único hectare de floresta foram encontradas 456 espécies diferentes de árvores, um número recorde. Já o número de espécies de aves, mais de 400 identificadas até hoje, é igual ao catalogado em toda a Europa.

Parte dessa riqueza biológica ainda é desconhecida da ciência que, a todo o momento se vê surpreendida por novas e importantes descobertas. Na Bahia podem ser encontradas 11 áreas consideradas como de extrema importância biológica e 25 outras prioritárias para a conservação, de acordo com estudos do Ministério de Meio Ambiente.

5. OS SOLOS

Quintino Reis de Araujo

O Solo é um componente fundamental à **Vida** e tem interações permanentes com a Água, o Ar, a Flora e a Fauna, proporcionando aos Homens as conquistas pelo trabalho, pela comida e pela moradia, pelo lazer e pela sua dignidade, como parte da **Natureza**. O Solo exerce papéis essenciais como elemento do Meio Ambiente, como base para produção de **alimentos e matérias-primas** para a humanidade.

O Solo é também responsável pela saúde das comunidades ao influenciar e controlar a reserva e a disponibilidade de água, a ciclagem de nutrientes, o desenvolvimento e a atuação de microrganismos, o estoque de Carbono e a regulação de condições climáticas, a atenuação e o filtro sobre elementos tóxicos e poluentes.

Por tudo isto, o Solo não deve ser “usado” como uma máquina – ele é essencial para a qualidade da vida das pessoas e a saúde do nosso planeta. A **convivência** com o Solo deve ser racional, com adoção de manejos adequados aos seus potenciais, mas sem perder de vista procedimentos conservacionistas, que permitam ao Solo uma contínua (sustentável) produção e o cumprimento das suas funções ambientais.

A humanidade tem como um dos grandes desafios o uso adequado dos Solos, para garantir mais alimentos às gerações futuras. Além de ser o principal substrato para a agricultura, é também suporte para estradas, fornece materiais para a construção civil e é utilizado como depósito para diversos materiais. Dentre os piores efeitos sobre o Solo têm-se a degradação de terras pela erosão e desertificação e a alteração do ciclo hidrológico, com diminuição da disponibilidade de água para as plantas, os animais, incluindo os humanos.

Ao longo do tempo (milhares e milhões de anos) as interações entre rocha-matriz, clima, relevo e organismos têm formado o “substrato” Solo – que é meio de vida, produção e conservação.

O objetivo básico da **Conservação do Solo e da Água** é planejar a utilização dos elementos naturais, de acordo com a capacidade potencial de cada área, garantindo bem-estar e qualidade de vida para todas as gerações.

A **Água** deve ser vista como outro elemento **central para a vida**, para a sustentabilidade e a qualidade das relações ambientais, essenciais aos homens. A grande maioria das atividades de trabalho da sociedade mundial se relaciona e/ou depende, também, da água. O Rio de Engenho se desenvolveu nas margens e com base no Rio Santana (denominado de Macuco no seu trecho inicial, até o município de Buerarema) e se coloca como uma das importantes “veias” da hidrografia regional, como recurso básico e imprescindível para a existência e convivência comunitária. Água, ar, solo, plantas, animais (incluindo os **homens**), tem interações vitais, e cada um deles representa um sistema, composto de subsistemas, mas fundamentalmente parte de um sistema maior – nosso planeta terra. A conservação da água está intimamente ligada à conservação dos solos.

Na região de abrangência da AMAREA, os principais tipos Solos – conforme são conhecidos pelos *produtores rurais* e pelo Sistema Brasileiro de Classificação de Solos – são: **Aluviais - Neossolo Flúvico** (RY); **Cururupe - Argissolo Amarelo** (PA); e **Valença + Colônia - Latossolo Vermelho-Amarelo** (LVA) + **Latossolo Amarelo** (LA) . Particularmente no percurso da trilha predomina o Neossolo Flúvico.



Os Neossolos Flúvicos, também conhecidos como **Solos Flúvicos**, são formados por ação de sedimentos aluviais – associados às áreas de influência dos rios e suas cheias – são estruturados em camadas e variações irregulares de atributos edáficos (como granulometria, matéria orgânica, nutrientes e outros). Não têm horizontes (camadas naturais) bem definidos, em geral o horizonte A seguido do C ou R (rocha), sem relação pedogenética entre si. Não apresentam horizonte B diagnóstico. Apenas o horizonte A tem ocorrência definida, disposto sobre extratos de deposições orgânicas e minerais. São medianamente profundos de textura franco-arenosa, com boas condições de drenagem, fertilidade média a alta dependendo do material de formação. São Solos sujeitos a alto **risco de erosão** (grande fragilidade), requerendo muita atenção e cuidados conservacionistas – naturalmente situam-se em faixas de áreas ciliares, cuja proteção é estabelecida em Leis.

Os cultivos das faixas de terra associadas às matas ciliares devem ser desenvolvidos respeitando-se a legislação de preservação das zonas ribeirinhas de APP (Área de Preservação Permanente). As terras com Solo Aluviais apresentam riscos de erosão para cultivos intensivos, mas com aptidão para diversificação agropecuária: Sistemas Agroflorestais. Fruticultura: banana, graviola, acerola, maracujá, abacaxi, mamão, limão-Taiti, jaca, cajá, caju, goiaba, cupuaçu, carambola, jenipapo, mangostão, macadâmia, cacau. Palmáceas: coco, dendê, pupunha, açai, piaçava, juçara. Especiarias: pimenta-do-reino, cravo-da-índia, canela, noz moscada, baunilha, pimentas da Jamaica e malagueta. Outros cultivos industriais: seringueira, guaraná, café, urucum. Ciclo curto: mandioca, milho, feijão, amendoim, abóbora, melancia, melão. Horticultura. Pequenas criações.

Os demais Solos da trilha (Argissolo e Latossolos) têm suas especificidades, mas, também para estes, comentários feitos para os Fluviais (quanto a potencialidades de uso, propriedades e cuidados conservacionistas) podem ser, parcialmente e de modo geral, aplicados.



Os adeptos e praticantes do ecoturismo / turismo rural são agentes de valorização do Solo e de outros elementos naturais, mas também têm a responsabilidade de assumir sempre uma **postura coerente**, pois há estudos científicos que mostram os efeitos danosos do pisoteio e das alterações nas trilhas, sobre propriedades dos Solos e do seu entorno. A conservação e os cuidados com os bens e os valores essenciais à vida são fundamentais ao homem, seja na sua casa, no seu trabalho, no campo, e na sua cidade. Os Solos devem ser cultivados com base no princípio de que eles são um bem da Humanidade e não apenas da geração atual, devendo ser, portanto, conservados de modo sustentável. **Solos saudios, plantas saudias, homens saudios.**



O cântico da terra.

Cora Coralina

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.

Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante / a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
Tranquilo dormirás.

Plantemos a roça. Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho, do gado e da tulha.
Fatura teremos e donos de sítio
Felizes seremos.

6. CULTURA E TURISMO RURAL

Rita de Cássia Oliveira Lawinsky
Rita Cristina Tristão Gramacho
Sérgio Luiz Freitas Teixeira

A cultura é fundamental na promoção de um destino turístico. As pessoas veem o turismo como forma de conhecer lugares e culturas diferentes. Os aspectos históricos de uma cidade, de um povo, carregam elementos de sua identidade cultural. São diferenciais que fazem parte do produto turístico, incorporando valores que são percebidos na divulgação de sua **imagem**.

Imagem é a representação mental, a ideia que se faz de algo, com a qualidade que lhe é atribuída: bom, ruim, bonito, feio etc. Também pode ser a sua expressão visual por meio de escrita, desenho, vídeo, artes plásticas, artesanato etc.; a mídia tem importante papel na construção da imagem turística.

A motivação que ocasiona o deslocamento do turista ao mundo rural está ligada ao imaginário rural dos urbanos e à busca por espaços com valores ecológicos, simbólicos e culturais a apreciar, bem como, por lugares autênticos, com belas paisagens, com níveis mais baixos de poluição, ruídos e agitação que as cidades, no intuito de resgatar a nostalgia da vida próxima à natureza, a memória e as raízes históricas no passado, de obter novas experiências e conhecimentos.

Identidade é um conjunto de características próprias e exclusivas que "reconhecem uma cultura", o genuíno, o típico como características autoatribuídas importantes na identidade de um local ou produto turístico, na construção social.

O produto turístico é veiculado a partir de imagens que devem resguardar sua identidade e que, por sua vez, reúnem um conjunto de características com as quais as pessoas daquela localidade se sentem contempladas.

O Brasil possui uma rica identidade cultural, mas pouco a utiliza na atividade turística, ou na composição dos seus produtos. O desenvolvimento do Turismo Rural contribui para despertar a consciência de lugar, gerar sentimento de orgulho, pois os turistas – as “pessoas da cidade grande” – querem provar um pouco do “jeito do interior”. Nesse sentido, pode-se valorizar a cultura a partir da identidade local, partindo para o que chamamos de resgate cultural.

Resgate Cultural é o processo de pesquisar as raízes históricas, os hábitos, o imaginário – elementos que já fizeram parte dos “jeitos” de viver de outras gerações e estão prestes a desaparecer, mas que são parte da história local.

As comunidades podem recuperar os elementos que compõem sua identidade e revelar para a sociedade globalizada suas peculiaridades culturais. É justamente o fato de ter suas próprias características que as tornam únicas, diferentes das demais comunidades.

A aliança entre turismo e agricultura familiar propicia o resgate de culturas tradicionais, a valorização da gastronomia típica e da produção sustentável de alimentos. É uma união que fortalece o turismo interno no País e gera renda, incorporando valor às atividades agrícolas, artesanais e agroindustriais, colaborando com a preservação do patrimônio natural e cultural. É uma fórmula para que o agricultor e a agricultora familiares possam perpetuar as heranças das gerações anteriores e ainda modernizar as instalações, impulsionados por mais essa oportunidade de comercialização dos seus produtos.

Preservação das Raízes - Um dos pilares básicos do turismo rural e um dos principais pontos de atração do turismo rural é a oportunidade de oferecer ao visitante o convívio com costumes e hábitos diferentes da sua rotina urbana, preservando e reavivando os costumes locais. A cultura, em toda sua plenitude, deve estar presente no contexto. É necessário que se resgate e se viabilize ao turista vivenciar todas as formas culturais, tais como: gastronomia, uso de objetos, artesanatos, móveis, etc.

As origens e cultura da região devem ser valorizadas e divulgadas. A presença de um artesão confeccionando e mostrando como seu produto é feito, exposição de peças antigas usadas na região (pequeno museu), apresentação de cantadores, músicos e grupos folclóricos deverão estar presentes na proposta do Turismo Rural.

A **cultura local** é elemento base do Turismo Rural na Agricultura Familiar e outros segmentos do campo, destacando-se as manifestações folclóricas, "causos", músicas, trabalhos manuais, artesanato, arquitetura (casas, galpões, moinhos, armazéns, adegas, pontes), antiguidades, inclusive maquinário e instrumentos agrícolas e do lar, entre outros.



No Turismo Rural estão inseridas diversas Atividades Culturais. Devem proporcionar a vivência dos aspectos culturais mais significativos da região – para fins de conhecimento, contemplação e entretenimento. Alguns dos principais atrativos:

Manifestações populares – acontecimentos ou formas de expressão relacionados à música, à dança, ao teatro, às artes plásticas, literatura, ao folclore, aos saberes e fazeres locais, às práticas religiosas ou manifestações de fé. Ex: rodas de viola, folia-de-reis, crenças, “contação” de causos, rezas, novenas, missas, etc.

Produção de Artesanato – objetos produzidos manualmente ou com equipamentos rudimentares, característicos da produção de artistas populares, utilizando matéria-prima regional. A produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração.



Observação da Arquitetura típica ou histórica – contempla as construções típicas do campo (açude, capela, curral, estufa etc); as técnicas e materiais construtivos peculiares ou da região (pau-a-pique, sapé, madeira, pedra e outros); e as construções históricas (engenho, alambique, casa de farinha, vinícola).

Visita a Museus e casas de cultura – locais destinados à apresentação, guarda e conservação de objetos de caráter cultural ou científico. Ex: Museu da cachaça, Museu do Folclore, vinícola desativada, moinho etc;

Gastronomia – conjunto de alimentos e bebidas ofertados, que representam as tradições culinárias da região. Ex: doces, ingredientes, etc.

A cozinha do Rio de Engenho – Aos visitantes um conselho inicial: chegar cedo para saborear iguarias de um reforçado café da manhã local, preparado utilizando alimentos produzidos pelos agricultores em suas propriedades rurais, com destaque para: bolinho de estudante, cuscuz e beijus de tapioca, bolo de aipim, puba e palmito, mel, geléias, sucos e frutas in natura (cacau, cupuaçu, cajá, caju, açai, tamarindo, umbu, jaca, graviola, ingá, jenipapo), melado da cana, aipim cozido, fruta-pão, banana da terra (frita, assada ou cozida) com farofinha de carne do sol, além do leite quentinho e do café passado na hora. No almoço, uma caipirinha (cachaça e limão) ou de licor mel ou amêndoa de cacau para abrir apetite e saborear peixes (robalos, xaréus, pititingas) e mariscos (camarão e siri) encontrados no Rio Santana, com palmito (pupunha, acai) ou banana da terra, acrescida de pimenta de cheiro regada ao leite de coco e azeite de dendê. Lembrar de deixar espaço para as cocadas e bala de jenipapo depois!



Grande diversidade de iguarias na mesa é resultado do sistema de cultivos adotado atualmente pelos agricultores na região: o sistema agroflorestal (SAF). Registra-se que, em princípio, a base da economia local era o monocultivo da cana para produzir açúcar e outros derivados. Com o investimento em beneficiamento, certificação e agroindustrialização, os agricultores do Rio de Engenho agregam valor aos produtos cultivados em SAF. Registram-se também como produtos comuns na região: o mel de cacau e a farinha de mandioca.

No Programa Nacional de Turismo Rural na Agricultura Familiar, o Ministério do Desenvolvimento Agrário aponta como benefícios: do ponto de vista cultural, o turismo possibilita a valorização da agricultura familiar, uma vez que a sua cultura torna-se o próprio atrativo turístico, com efeitos diretos no aumento da auto-estima da população; e como benefícios sociais a dinamização da cultura rural, pela necessidade de os agricultores familiares manterem sua identidade e autenticidade.

7. SEGURANÇA NA TRILHA

Sérgio Luiz Freitas Teixeira

Rita Cristina Tristão Gramacho

A principal função das trilhas sempre foi suprir a necessidade de deslocamento. No entanto, pode-se verificar que ao longo dos anos houve uma alteração de conceitos em relação às trilhas. De simples meio de deslocamento, as trilhas surgem como novo meio de contato com a natureza. A caminhada incorpora novos sentidos e recebe um grande número de adeptos.



Uma das coisas mais importantes para se viver uma boa aventura em trilhas é evitar lesões. Machucar-se, além de causar transtornos e exigir ações de primeiros socorros, pode fazer com que o aventureiro de primeira viagem passe a ter uma visão negativa do lazer praticado em contato com a natureza. A ideia de que as pessoas que praticam atividades ao ar livre são verdadeiros suicidas é enganosa: são pessoas que adoram a vida e querem aproveitá-la muito bem. Por isso, é tão importante a prevenção de lesões. Em primeiro lugar,

é necessário que a pessoa que vai praticar uma atividade em ambientes naturais observe seus hábitos e modifique, se necessário, algumas coisas no seu estilo de vida. Praticar algum exercício regularmente, alimentar-se de forma mais saudável e variada, evitar estimulantes como cafeína, álcool e outras drogas, são atitudes que ajudam a evitar lesões durante o esforço físico e outros problemas de saúde mais sérios. Evite ingerir bebidas alcoólicas antes de partir para a sua aventura.

Para atividades de caminhada, a idade mínima recomendável do turista deve ser de 12 anos. Caso a organização ofereça produtos turísticos para crianças menores de 12 anos ou para visitantes portadores de necessidades especiais, este produto deve ser objeto de um planejamento que considere as características, procedimentos e equipamentos necessários para que a segurança desses usuários específicos seja garantida. Esses produtos podem requerer profissionais, equipamentos e condições gerais ou específicas incluídas ou diferentes dos previstos na Norma ABNT/CB-54 PROJETO 54:003.10-001/1.

Humildade e segurança

É fácil evitar acidentes, basta prestar atenção às instruções dadas antes da atividade. Técnica, postura e movimento correto não devem ser vistos como acessórios. São procedimentos fundamentais para evitar lesões, desde as mais simples, como torções e arranhões, até as mais sérias que podem levar à sequelas ou morte. Agir sempre como iniciante, prestando atenção aos detalhes, é uma boa dica.

Cuidados básicos para uma trilha segura

Para que esta atividade seja feita com um mínimo de segurança, alguns cuidados jamais devem ser esquecidos:

Os olhos

Quando se desloca em uma floresta frequentemente há contatos com pequenos e médios galhos em diversas posições, inclusive à altura do rosto, mais precisamente dos olhos.

Para prevenção deste perigo, durante uma caminhada, recomenda-se o uso de óculos com lentes incolores, devido à falta de claridade em alguns trechos do percurso. Esses óculos, em modelos diversos, podem ser adquiridos em lojas que comercializam itens de segurança para trabalhos industriais, de carpintaria etc.

Cabeça

Pelos mesmos motivos dos óculos, um boné é fundamental para a proteção da cabeça, testa e orelhas. Ele deve ser de um material suficientemente espesso para conseguir exercer esta função. A desvantagem é o aumento de calor na região da cabeça, assim o material do boné é importante para melhorar o conforto quanto a este aspecto.

Outros Itens

- calçado apropriado para caminhada - recomenda-se que seja fechado;
- vestimenta que assegure proteção, mobilidade e conforto, incluindo cobertura (como, por exemplo, chapéu, boné).

Em função das características do percurso (extensão, horário de chegada, entre outras), a organização deve assegurar que os turistas disponham de:

- mochila ou outro equipamento que não seja carregado pelas mãos e possibilite transportar pequenos volumes;
- recipiente para água (cantil ou bolsa de hidratação);
- bastão, como importante instrumento auxiliar para o equilíbrio e apoio no deslocamento.

Concentração

É primordial a concentração e a atenção durante todo o percurso. Devem-se adotar mais cuidados do que se adota durante uma corrida na cidade. Quando se percorre uma

trilha não se pode desligar nem por um segundo de todo o ambiente à nossa volta, pois sempre aparece uma pedra ou raiz que leva a tropeçar, torcer o pé ou furar em algum galho ou espinho. Além disso, uma pequena desatenção pode provocar a perda de horas procurando a trilha certa.

O cajado (confeccionado em madeira ou outro material) é um item muito útil na atividade de caminhada na trilha, por propiciar maior segurança em trilhas escorregadias e terrenos irregulares.

Prevenção de acidentes

As estatísticas mostram que 90% dos acidentes poderiam ser evitados, pois ocorrem por imperícia (falta de técnica ou habilidade), imprudência (falta de precaução e cautela) ou negligência (descuido) dos envolvidos.

Pessoas saudáveis física, mental, social e espiritualmente têm menor chance de ficar doentes ou de se envolver em acidentes, sendo quatro os fatores determinantes para a sua saúde: hábito de vida, condições ambientais (poluição, infra-estrutura das cidades), herança genética e assistência médica.

Medidas gerais de prevenção de acidentes e doenças em ambientes naturais

- Alimentação equilibrada;
- Atividade física regular;
- Vacinação em dia;
- Animais domésticos com a vacinação em dia e em locais adequados;
- Evitar exposição excessiva ao sol, utilizando sempre cremes com fatores protetores e chapéus;
- Utilizar medicamentos somente após consultar um médico.

- Atenção no trânsito e dirigir com prudência, respeitando as leis e os limites de velocidade;
- Não fazer uso de bebidas alcoólicas, cigarros e drogas;
- Não carregar armas de fogo ou similares;
- Sempre utilizar os equipamentos de segurança adequados ao seu ambiente de trabalho;
- Evitar nadar em locais impróprios;

Medidas Preventivas Específicas para a Infância

- Alimentação adequada;
- Evitar exposição de crianças a temperaturas e outras condições ambientais inadequadas;
- Nunca deixar produtos químicos, plantas venenosas, remédios e produtos de limpeza ao alcance das crianças;
- Não dispor de brinquedos com pontas cortantes ou que possam ser engolidos pelas crianças;
- Evitar traumas, não deixando as crianças sem acompanhamento de um adulto em locais onde possam cair;
- Não deixar cabos de panelas voltados para fora do fogão, onde possam ser alcançados pelas crianças;
- Não deixar crianças próximo da água ou dentro de piscina sem o acompanhamento de um adulto;
- Usar cadeiras de segurança durante o transporte em automóveis;
- Não deixar que saiam a pé, de bicicleta, ou se aventurem sem acompanhantes adultos;

Medidas Preventivas na Terceira Idade

- Redobrar os cuidados, principalmente quando há perda de memória;
- Prevenir quedas e fraturas;
- Manter acesso fácil aos locais de visitaçã;o;
- Utilizar sapatos antiderrapantes;
- Evitar locais escorregadios e prevenir desequilíbrios com corrimões;
- Preparar acesso fácil, tanto evitando grandes inclinações como informando distâncias e grau de dificuldade de trilhas;
- Sempre que necessário sugerir e/ou oferecer bastões às caminhadas.

8. PRIMEIROS SOCORROS

Sérgio Luiz Freitas Teixeira
Rita Cristina Tristão Gramacho

Você é responsável por sua segurança.

O salvamento em ambientes naturais é caro e complexo, podendo levar dias e causar grandes danos ao cidadão e ao ambiente. Portanto, em primeiro lugar, não se arrisque sem necessidade.

É sempre bom lembrar que no Brasil existem poucos locais com equipes de resgate organizadas, bem treinadas e bem equipadas, dificultando ainda mais e aumentando o risco do resgate de visitantes perdidos ou acidentados.

Assuma a responsabilidade por seu próprio bem-estar e segurança, planejando todos os detalhes e realizando uma atividade dentro dos seus limites técnicos e de suas expectativas e experiência, usando o bom senso e sendo capaz de sair de situações inesperadas.

Em caso de acidente, inicie o atendimento ao acidentado e não corra riscos desnecessários, providenciando sua remoção para local onde haja atendimento médico. Lembre-se de que a primeira providência é não fazer mais vítimas, por isso esteja atento à sua segurança e à dos demais membros do grupo. Em casos extremos, adote os procedimentos de emergência e aguarde o resgate. Use sempre o bom senso e reflita com calma e em conjunto com os demais monitores ambientais sobre as decisões a tomar, por exemplo: remover o acidentado ou aguardar o socorro.



Avaliação do Local

A avaliação do local do acidente e em seguida rápida avaliação da vítima, tem demonstrado ser peça fundamental para o sucesso do tratamento do paciente. A avaliação inicial do local do acidente é sempre cheia de nuances, pois, sempre há muitas informações que devem ser coletadas e que são de fundamental importância ao sucesso final do atendimento. Há componentes, nem sempre aparentes, que podem colocar em risco os participantes ou mesmo a segurança do socorrista.

Deve-se sempre se certificar se uma cena oferece segurança tanto ao socorrista como à vítima e se avaliar a situação fática do acidente.

Segurança da Cena

Deve-se inicialmente ter em mente que somente pessoas habilitadas e devidamente treinadas estão aptas a socorrer uma vítima de acidente, pois deste modo o socorrista não corre o risco de se tornar mais uma vítima do acidente. Relatos mostram vítimas de afogamento que estavam tentando salvar um quase afogado, ou acidentados devido à exposição a riscos quando tentavam acudir vítima de acidente, quer seja por risco de explosões, desmoronamentos, fogo, sangue e fluidos corporais, inundações e outras condições climáticas típicas de cada região, acidentes com materiais perfurantes, e outras tantas situações.

Condutas Iniciais - Situação Fática

Ao chegar ao local deve o socorrista, levantar o ocorrido o número de vítimas envolvidas, tipo de socorro a ser prestado no local, tentar definir qual foi o mecanismo do trauma, quem e quais serviços já foram acionados, meios de comunicação disponíveis, meios de transporte e locais para se transportar as vítimas levando em conta a gravidade específica de cada uma.

Em todas as situações clínicas ou traumáticas, a avaliação do paciente deve ser feita de forma rápida e sistemática para se afastar possíveis causas que, por falta de atendimento, possam levar ao risco de vida.

Basicamente existem quatro tipos essenciais de pacientes, o primeiro grupo seria daqueles com lesões gravíssimas ou que já se encontram em óbito no local do acidente ou vem a falecer nos primeiros minutos depois de ocorrido o acidente. O segundo grupo com lesões graves que podem colocar em risco a vida do paciente nas horas próximas do acidente, e pacientes com lesões leves em uma avaliação inicial, mas que podem se deteriorar em seguida. E, e por ultimo, pacientes com lesões leves.

Para tanto se utilizará de um protocolo internacionalmente aceito para avaliação rápida do paciente, proporcionando a tranquilidade de estabelecer qual a situação que melhor se encaixa a vítima e conseqüentemente determinar o melhor tratamento e conduta a ser estabelecida.

Esta avaliação usa regra pneumônica do **ABCDE** primário, onde se tem A - para vias **Aéreas**, B- para respiração e ventilação (em inglês **Breathing**), C- de **Circulação**, D – para avaliação neurológica e desabilidades (em inglês **Disability**), e E- para **Exposição** da vítima.

Avaliação da vítima

A avaliação da vítima sempre deve começar pela letra A, seguido do B, depois C, D e finalmente o E. Caso ocorra algum “problema” durante a Avaliação do paciente na letra, deve-se resolver esse problema prontamente antes de passar para a próxima letra da Avaliação, e após a resolução do problema voltamos a Avaliar o Paciente novamente pelo A, depois B, C, D, E.

A - Airway - vias aéreas com controle da coluna cervical

Após imobilização da cabeça, contatar a vítima vigorosamente, solicitando por ajuda.

- Verificar nesta fase:

- A boca se entreabre naturalmente;
- Presença de corpo estranho na cavidade oral e/ou nasal do tipo: grama, dentes partidos, próteses dentais, fluidos e secreções.

- Procedimentos:

- Alinhar sempre a região cervical, colocando um colar cervical em casos de trauma;
- Provocar se possível leve hiperextensão da cabeça;
- Retirar corpos estranhos da cavidade orofaríngea.

B - Breathing – Respiração

- Ver movimentos respiratórios;
- Ouvir se está saindo ar pelas vias aéreas;
- Sentir se existe ar "tocando" em sua face;
- Verificar simetria de expansão torácica;
- Verificar volume respiratório.

- Procedimentos:

- Procurar por lesões abertas de tórax;
- Caso não apresente respiração, fornecer duas ventilações; boca a boca, ou boca a boca nariz, com dois segundos de duração e um intervalo de dois segundos entre as ventilações, sempre observando a expansão do tórax.

C - Circulation - Circulação

- Verificar pulsos periféricos, caso não consiga verificar, procure por um pulso central;
- Verificar temperatura da pele, coloração, umidade;
- Verificar perfusão capilar periférica.

- Procedimentos:

- Procurar por grandes sangramentos, comprimindo-os;
- Em casos de choque volêmico (1) deve-se elevar os membros inferiores em 30 cm e manter paciente aquecido com roupas;
- Na ausência de pulso central, iniciar as manobras de RCP (Reanimação Cardio-Pulmonar), com 30 massagens cardíacas, em um ritmo de 100 massagens por minuto após as ventilações de resgate já aplicadas na avaliação do B;
- Verificação de perfusão; premer e soltar; enchimento até 2 segundos;
- Verificação da pele;
- Hemorragias externas grandes.

⁽¹⁾ Choque volêmico - Refere-se à quantidade de sangue circulando no corpo. Por causa de uma hemorragia ou desidratação ou problemas renais, caso o nível do sangue fique abaixo de 80-70% origina-se o choque volêmico.

D - Disability – Neurológico

- Para avaliação de um paciente, pode-se didaticamente dividir o processo em quatro níveis progressivos de piora neurológica, para uma interpretação rápida, com base em (método AVAI ou Glasgow);

A - De alerta, ou seja, o paciente está acordado, consciente e sabe do que aconteceu;

V - O paciente está verbalizando, ou seja, está falando, mas nem sempre conexo ou dentro da realidade perguntada ou mesmo balbuciando frases desconexas em uma fase mais grave;

A - Reage a dor, ou seja, o paciente está desacordado, mas quando estimulado por estímulos dolorosos reage à dor;

I - A pior fase neurológica, ou seja, o paciente se encontra inconsciente, nem mesmo reagindo a estímulos dolorosos.

- Verificar as pupilas: se muito dilatadas ou puntiformes, iguais ou desiguais.

Midriase - as duas pupilas se encontram dilatadas (como quando tiramos fotos com flash).

Miose - as pupilas se encontram muito fechadas (assemelha-se a se olhar para uma luz forte).

Anisocoria - uma maior do que a outra.

Isocóricas - as duas pupilas com o mesmo tamanho.

E - Exposição da Vítima

- Retirar toda a roupa, fatores externos de agressão, procurar por lesões;
- Procurar por fraturas expostas ou não, imobilizando-as;
- Cobrir a vítima com panos e roupas secas e quentes para evitar hipotermia;
- Evitar a exposição desnecessária e em ambiente inadequado e constrangedor para a vítima;
- Exposição da vítima inteira pode-se manter as roupas íntimas e cobrir com lençol para ir avaliando por etapas - avaliá-la por completo, nunca se esquecendo de olhar as costas;
- Cobrir a vítima após exposição e análise completa, pois assim evita-se a perda de calor e resguarda-se a intimidade do turista.

9. PALAVRAS FINAIS

○ turismo no espaço rural, em especial no âmbito da agricultura familiar, possibilita a abertura de muitas portas na perspectiva do bem viver, pois desperta para uma multiplicidade temática sobre as diversas dimensões da vida no campo, para além da produção agrícola. A organização e a estrutura para recepcionar e atender turistas é muito mais que uma atividade de geração de renda, é um gesto de compartilhamento do modo de vida, um intercâmbio que alimenta todas as partes envolvidas, ao possibilitar que os visitantes interajam com a natureza, com as pessoas e com a cultura.

Envolve um conjunto de conteúdos, dentre os quais alguns se encontram aqui desenvolvidos com o objetivo de aguçar o interesse das pessoas que se identificam com essa atividade. São abordagens que não findam em si, ao contrário, visam estimular novos olhares e provocar potenciais interessados em conhecer de perto a Trilha do Rio de Engenho e seus encantos, para somar conhecimentos e contribuir com a valorização das experiências de seus moradores. O turismo rural estimula o respeito ao meio ambiente e à vida.

Os autores

10. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Andrade, L. A. Cultura da cana-de-açúcar. In: Cardoso, M. G. Produção de aguardente de cana-de-açúcar. UFLA, 2001. p.19-50.
- Aragão, W. M. A cultura do coqueiro. Embrapa Tabuleiros Costeiros. Sistemas de Produção (versão eletrônica), 1, 2007.
- Araujo, Q. R. (Organizador). 500 Anos de Uso do Solo no Brasil. Ilhéus, BA: Editus, 2002. 605p.
- Araujo, Q. R.; Comerford, N.; Campos, D. Rio do Engenho. Ilhéus, Bahia: UESC, Ceplac e University of Florida. Folder Informativo. Sd.
- Argôlo, A. J. S. As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia. Editus, Ilhéus, Bahia. 2004.
- Bauman, Z. Comunidade: a busca de segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2003.
- Biodiversidade da mata atlântica. Disponível em: <http://bahia.com.br/atracao/biodiversidade-da-mata-atlantica/>. Acesso em 12/12/2016.
- Brasil. Ministério do Turismo. Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil. Brasília: Ministério do Turismo, 2003.
- Brasil. Ministério do Turismo. Ministério do Desenvolvimento Agrário Secretaria da Agricultura Familiar - Programa de Turismo Rural na Agricultura Familiar 2004/2007.
- Brasil. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Turismo rural: orientações básicas. – 2 ed – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- Carvalho, R. F. Industrialização do Côco – Beneficiamento (Produção de Côco Ralado e Leite de Côco). RETEC, 2007. 23p.
- Correia, P.M. Dicionário das Plantas Úteis do Brasil, Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1984, vol. II.
- Freire, E. S.; Romeu, A. P.; Passos, F. V. Aproveitamento de resíduos e subprodutos da pós-colheita de cacau. CEPLAC/CEPEC. 1990. 24 p.

- Fucks, P. M.; Souza, M.. Turismo no espaço e preservação do patrimônio da paisagem e da cultura. In: Santos, E. O.; Souza, M. (orgs). Teoria e prática do turismo no espaço rural. Barueri, SP: Manole, 2010.
- Guia Turístico do Cacau – Tourist Guide of Brazilian Cocoa Zone. Editora Panorama Ltda, Itabuna. 1964. 304p.
- Hosken, M. F. ;Viggiano, M L. Como implantar o Turismo Rural em sua fazenda. Manual Técnico CPT, 1997.
- Manual do monitor ambiental: ecotrilhas, São Paulo: SMA/CEAM, 2000.
- Manual de Ecoturismo de Base comunitária: Ferramentas para um planejamento responsável. WWFBrasil, 2003. Manual do monitor ambiental: ecotrilhas, São Paulo: SMA/CEAM, 2000.
- Manual de Ecoturismo de Base comunitária: Ferramentas para um planejamento responsável. WWFBrasil, 2003.
- Marcis, T. Viagem ao Engenho de Santana. Ilhéus, BA: Editus, 2000. Disponível em: <http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/vesantana.pdf>. Acesso em 12/12/2016.
- Mata Atlântica do Sul da Bahia: Situação atual e perspectivas. Série Cadernos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, nº 8, São Paulo, 1998.
- Mutton, M. J. R.; Mutton, M.A. Aguardente de cana: Produção e qualidade. FUNEP, 1992. 171 p.
- Póvoas, R. do C.. (Org.). Mejiçã e o contexto da escravidão. Ilhéus: Editus, 2012.
- Ramos, S.. Manguezais da Bahia – breves considerações. Editus, Ilhéus-BA. 2002.
- Resende, J. M. et al. Processamento do Palmito de Pupunheira em Agroindústria Artesana - Uma atividade rentável e ecológica. Embrapa Agrobiologia. Sistemas de Produção (versão eletrônica), 1, 2004.
- Sambuichi, R. H. R. et al. Nossas árvores: conservação, uso e manejo de árvores nativas do sul da Bahia. Ilhéus, Bahia: Editus. 2009.
- Santos, H. G. et al. (Ed.). Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. 3 ed., rev., ampl. Brasília, DF: Embrapa, 2013. 353p.

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Turismo Rural: Identidade e Cultura. Disponível em: www.agrocurso.com.br/pdf/Turismo_mod2.pdf. Acesso em 23/10/2016.

Silva, L. F.; Mendonça, J. R. Terras avistadas por Cabral (Mata Atlântica): 500 anos de devastação. Editus, Ilhéus-Bahia. 2000.

UNESCO. Biologia, Educação Ambiental. <http://www.portaleducacao.com.br/biologia/artigos/22509/educacao-ambiental-unesco-1987>. Acesso em 14/07/2016.

O meio ambiente proporciona às famílias rurais, além da obtenção de alimentos, matérias-primas, energia, moradia, também a possibilidade de uma convivência (ser humano-natureza) salutar e de geração de renda.

Turismo rural é uma atividade recreativa procurada por pessoas que buscam contato com a natureza. Esse tipo de turismo resgata as origens culturais, a interação, o respeito (cuidado) e a valorização dos saberes quanto aos recursos naturais.



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL



Secretaria Especial de
Agricultura Familiar e do
Desenvolvimento Agrário

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

